

SIMPÓSIO AT036

SOLIDÃO, VIOLÊNCIA E *ANGÚSTIA* NO MUNDO MODERNO

MARQUES, Helton

Universidade Estadual Paulista - UNESP

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Departamento de Literatura

hm_palmital@hotmail.com

Resumo: Publicado em 1936, o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, apresenta um narrador autodiegético, Luís da Silva, que, após assassinar seu principal oponente, Julião Tavares, e passar por um período de profundo abatimento causado por um abalo nervoso, narra sua própria história por meio de um discurso memorialista que mistura imaginação e alucinação com episódios de sua infância, juventude e vida adulta. Em meio a suas lembranças, surgem imagens de uma Maceió corrompida pelo vício, um *locus horrendus*, com vagabundos nas praças e canais, prostitutas na Rua da Lama, comerciantes e capitalistas (“uns ratos”) na Rua do Comércio, enfim, todos os tipos de sujeitos que habitam o espaço urbano moderno. Em vários momentos, o protagonista transita, solitário, pelos espaços dessa cidade caótica e observa, nas diversas vitrines do centro urbano, os autores se exibirem por meio de seus livros, como as prostitutas da Rua da Lama, oferecendo-se e vendendo-se aos olhos do protagonista aspirante a grande escritor. Em suas reflexões sobre *A Modernidade e os Modernos*, Walter Benjamin afirma que o romance moderno representa o indivíduo na sua solidão, desorientado em meio à multidão disforme de sujeitos anônimos e paradoxalmente solitários. Tendo isso em vista, o principal objetivo da comunicação é apresentar uma análise interpretativa do romance *Angústia*, com base principalmente nas ideias de Walter Benjamin, a fim de proporcionar uma reflexão sobre a relação entre o sujeito e o espaço urbano moderno, a partir da experiência de solidão e violência vivenciada pelo protagonista Luís da Silva.

Palavras-chave: *Angústia*; Solidão; Violência; Cidade; Modernidade.

Abstract: Published in 1936, *Angústia*, by Graciliano Ramos, presents Luís da Silva as the narrator who tells his own story by a memorialist speech that mixes imagination and hallucination with episodes of his childhood, youth and adult life, after assassinating his main opponent, Julião Tavares, and going through a period of deep depression caused by a nervous shock. In the midst of his memories, there are images from Maceió that is corrupted by vice, a *locus horrendus*, with vagabonds in squares and canals, prostitutes on Rua da Lama,

merchants and capitalists ("a few rats") on Rua do Comércio appear, all types of subjects that inhabit the modern urban space. In many moments, the protagonist walks alone through the spaces of this chaotic city and observes, in the various windows of the urban center, the authors showing themselves through their books, like the prostitutes from Rua da Lama, offering and selling themselves to the eyes of the protagonist, who aspires to be a great writer. In his reflections on Modernity and the Moderns, Walter Benjamin states that the modern novel represents the individual in his solitude, disoriented amid the shapeless crowd of anonymous and paradoxically lonely subjects. Therefore, the main objective of the communication is to present an interpretative analysis of the novel *Angústia*, based mainly on the ideas of Walter Benjamin, in order to provide a reflection on the relationship between the subject and the modern urban space, from the solitude and violence experienced by the protagonist Luís da Silva.

Keywords: *Angústia*; Solitude; Violence; City; Modernity.

A maneira clássica (e redutora) de ler *Angústia* é tomá-lo como uma história sobre o ciúme doentio e as consequências funestas que este sentimento chega a produzir, já que, na terceira ponta do amor entre Luís da Silva e sua vizinha Marina, aparece a figura de Julião Tavares, sujeito pomposo, cheio de poses e de palavras, que engravida mocinhas inocentes e ilude mulheres maduras, tornando-se assim a encarnação do próprio Mal. No entanto, na mente frágil de Luís da Silva, ele se transforma em uma imagem deformada que aparece obsessivamente ao longo do enredo.

Mais do que uma narrativa sobre as consequências do ciúme, *Angústia* também representa as influências da violência e sua força determinante na atitude criminosa de um sujeito que comete um homicídio por enforcamento durante um momento de total desequilíbrio psicológico que beira a loucura.

Como o próprio Graciliano Ramos afirmou em uma de suas cartas, a intenção com seu terceiro romance foi "(...) fixar a decadência da família rural, a ruína da burguesia, a imprensa corrupta, a malandragem política, e atrever-me a estudar a loucura e o crime. Ninguém tratava disso, referiam-se a um drama sentimental e besta em cidade pequena." (FACIOLI, 1987, p. 61).

O cenário em que se passa a história de *Angústia* apresenta nítidas diferenças com relação aos dois primeiros romances, uma vez que, enquanto a

narrativa de *Caetés* se passa em uma pequena cidade de interior, e a trama de *São Bernardo* tem como cenário principal a fazenda de Paulo Honório, o terceiro romance se passa no espaço urbano moderno, mais especificamente o centro de Maceió, capital do estado de Alagoas.

Longe da pacata fazenda de seu avô paterno, cenário presente enquanto lembrança do narrador, Luís da Silva passeia pelas ruas da cidade grande, mas não consegue se ver livre de imagens que lhe causam desgosto e lhe despertam sentimentos de ódio e desejos de violência contra o outro.

Na tranquila Praça Montepio, por exemplo, sentado com Moisés para passar algumas horas de lazer, conversando e se distraindo, o protagonista depara-se com pessoas aos beijos e abraços, amando-se publicamente, o que lhe causa extrema indignação e ódio: “O que me desgosta é ver de relance, nos bancos do centro, que a folhagem disfarça mal, pessoas atacadadas. Sinto furores de moralista. Cães! Amando-se em público, descaradamente! Cães! Tremo de indignação.” (RAMOS, 1982, p. 27).

Carente de mulher e sedento por sexo, Luís da Silva, após flagrar a troca de olhares “gulosos” entre Julião Tavares e Marina, começa a sentir ódio e frustração. Bebe aguardente, sai a perambular à noite pelas ruas da urbe degradada e entra em um estabelecimento, onde bebe mais aguardente e paga refeição a uma prostituta, que o chama para ir até seu quarto, na Rua da Lama, cheia de mulheres que oferecem sexo e prazer em troca de dinheiro. O nome da rua, inclusive, sugere no romance o aspecto vil da prática, aos olhos do narrador protagonista, e a degradação do ser humano que se sujeita a uma vida de moral suja e baixa, corrompida pelos vícios da carne e necessidade de dinheiro.

A cidade é o espaço da comercialização do sexo e do giro de capital. Até a própria literatura, a arte da palavra, é coisa comercializada como o sexo, pois a dinâmica do sistema capitalista “corrompe” tudo e todos. Nas várias vitrines da cidade, os autores se exibem por meio de seus livros, como as prostitutas da Rua da Lama.

Walter Benjamin (1980), inclusive, utilizou a imagem da prostituta para personificar o escritor moderno, que tem sua arte literária consubstanciada em um produto do mercado moldado pelos princípios da chamada “indústria cultural”, como a pintura, a fotografia e o cinema, por exemplo. O processo de mercantilização da obra de arte e sua reprodução em massa, então, acabariam com seu valor transcendente e imaterial tido como inerente à própria arte e reduziria o artefato cultural a um simples objeto com valor de troca.

Com isso, o sistema capitalista conseguiria atingir a dimensão inconsciente da vida do ser humano, uma vez que a lógica do capitalismo contaminaria a lógica da criação da obra de arte pela reprodução e consumo em massa de produtos artísticos. Em outras palavras, como a obra de arte possui, dentre algumas especificidades, o poder de alcançar o inconsciente e representar o que há de mais obscuro na vida humana, conseqüentemente a lógica do sistema capitalista também passaria a atingir a dimensão inconsciente do sujeito por meio desse processo de criação, reprodução e consumo em massa de uma determinada obra de arte.

No mundo capitalista, tudo se transforma em mercadoria, até mesmo a própria cidade, com seus diversos espaços, que podem ser divididos geograficamente em regiões como centro, bairros nobres, condomínios, guetos e favelas, por exemplo.

Essa ordem capitalista, em que tudo perde sua verdadeira essência em favor do dinheiro e do lucro, causa nojo e ódio a Luís da Silva, e contribui com seu profundo sentimento de revolta e angústia. O protagonista chega, inclusive, a desenvolver aversão às livrarias, que tanto lhe davam prazer no passado:

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beijo, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás do vidro. Outro larga uma opinião à-toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da Rua da Lama. (RAMOS, 1982, p. 7).

Parado em frente às vitrines que exibem mercadorias que não pode comprar, pois o salário que recebe pelo trabalho como funcionário público de baixo escalão mal dá para o aluguel, Luís da Silva percebe que sua sensação de incômodo e revolta aumenta, chegando a ceder lugar a desejos de destruição e violência: “Passeei à toa pelas ruas, parando em frente às vitrinas, com a tentação de destruir os objetos expostos. As mulheres que ali estavam em pasmaceira, admirando aquelas porcarias, mereciam chicote.” (*Idem*, p. 81).

Essa metáfora da vitrine, que incita o ódio do protagonista, também espelha o superficialismo da vida moderna, em uma cidade burguesa corrompida pelos vícios da carne, e a supervalorização da aparência em contraposição à essência.

Feito “(...) um molambo que a cidade puiu demais e sujou.” (*Idem*, p. 20), Luís da Silva é um sujeito inadaptado à vida urbana, que perambula anônimo pelos vários espaços da urbe corrompida, observando a multidão também anônima que dilui a identidade do sujeito. Proveniente de um espaço rural já extinto, o protagonista representa o migrante que chega ao espaço urbano mas não encontra o seu lugar.

Com o declínio da experiência autêntica na cidade moderna, as artes em geral também perderiam sua aura, pois passariam a funcionar de acordo com os princípios da Indústria Cultural. Nesse cenário, o fim da aura artística e o declínio da experiência autêntica do sujeito constituem consequências da vida moderna representáveis não apenas como tema, mas sobretudo como forma, no plano estético. E, no caso da arte literária, Benjamin afirma que, no romance moderno,

O narrador colhe o que narra da experiência, própria ou relatada. O romancista segregou-se. O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar (...) o romance da notícia da profunda desorientação de quem vive. (BENJAMIN, 1980, p. 60).

O romance representa um modo de o sujeito alcançar um sentido para sua vida caótica e fragmentada. No caso de *Angústia*, essa fragmentação e sentimento de desorientação caracterizam a narrativa, temática e formalmente, ou seja, no plano estético, por meio da figura de um narrador solitário e profundamente angustiado que coloca em prática seu desejo obsessivo de escrever um livro, almejando, assim, pôr “ordem” em toda a desordem interior, pois, para o próprio narrador, “Está claro que todo o desarranjo é interior.” (RAMOS, 1982, p. 23).

Além disso, a fragmentação também aparece formalmente representada por meio do jogo simbólico de despedaçamento do nome da mulher amada, Marina, logo no início da narrativa: “É verdade que tenho o cigarro e tenho o álcool, mas quando bebo demais ou fumo demais, a minha tristeza cresce. Tristeza e raiva. *Ar, mar, ria, arma, ira*. Passatempo estúpido.” (*Idem*, p. 8, *destaque do autor*).

De acordo com o professor Wander Melo Miranda,

O desejo de ruptura da interdição da língua, que a série anterior de palavras desmembradas do nome Marina indica é, pois, uma forma de romper com a tradição literária em que o escritor se insere, por meio da escrita fragmentária, que se revela uma opção pelo inacabamento estético: crime contra o texto que coloca o criminoso diante do testemunho alucinado da experiência sofrida. (MIRANDA, 2015, p. 15).

Dessa forma, a representação da violência em *Angústia* também ocorre na camada estrutural do texto, por meio da violência da própria linguagem, fragmentária, despedaçada, a qual representa formalmente os “(...) desejos violentos de mortandade e outras destruições (...)” (RAMOS, 1982, p. 9) que marcam Luís da Silva.

Essa escrita fragmentária do romance reflete a prática obsessiva do narrador em desmembrar palavras para formar outras, como um *modus operandi* de percepção da materialidade linguística, mecânico e incontrolável: “Esse exercício tornou-se em mim um hábito de que não me posso libertar.

Conto pelos dedos as combinações que vão surgindo (...). Faço assim com os letreiros das casas de comércio, com os cartazes de cinema, com os títulos dos jornais e dos livros.” (*Idem*, p. 159).

E “(...) esse passatempo idiota (...)” (*Idem, ibidem*) rompe os limites simbólicos da linguagem e invade a realidade objetiva de Luís da Silva, que percebe vários sujeitos ao seu redor de forma fragmentada, aos pedaços, como ocorre, por exemplo, com sua amada vizinha, Marina, cujo nome constitui o principal objeto do hábito obsessivo de desmembrar palavras:

Antes de eu conhecer a mocinha dos cabelos de fogo, ela me aparecia dividida numa grande quantidade de pedaços de mulher, e às vezes os pedaços não se combinavam bem, davam-me a impressão de que a vizinha estava desconjuntada. Agora mesmo temo deixar aqui uma sucessão de peças e de qualidades: nádegas, coxas, olhos, braços, inquietação, vivacidade, amor ao luxo, quentura, admiração a d. Mercedes. (*Idem*, p. 69).

Palavras, seres e coisas; tudo se transforma em alvo do hábito obsessivo de Luís da Silva de fragmentar e desconstruir para (re)combinar as partes de maneira subjetiva e diversa, o que mimetiza metaforicamente o exercício da própria escrita de suas memórias, que são da mesma forma fragmentárias e nebulosas. Até mesmo os lugares por onde o protagonista passa surgem na narrativa como partes aparentemente desconexas, desmembradas, como ruínas:

Retorno à cidade. Os globos opalinos do Aterro iluminam o gramado murcho e a praia branca. Os coqueiros empertigados ficam para trás. (...). Os navios também ficam para trás. A pensão, o meu quarto abafado, o focinho de d. Aurora e a cesta de ossos de Dagoberto somem-se.” (*Idem*, p. 10).

Walter Benjamin (1980), ao refletir sobre o fenômeno da Modernidade, elege a cidade como o principal foco de suas reflexões e conclui que o excesso de estímulos próprio dos grandes centros urbanos atinge o sujeito com fragmentos de impressões sensoriais, causando uma sensação de

desorientação e percepção descontínua, estilhaçada, da realidade objetiva, o que poderia ser artística e esteticamente representado.

Portanto, é possível concluir que esse é o tom que marca toda a narrativa de Luís da Silva, conduzida por sua memória estilhaçada e oscilante. Fragmentos de episódios do passado remoto da infância misturam-se a cenas descontínuas de um passado mais recente, que se entrelaçam com comentários e posicionamentos do narrador no tempo da enunciação, o que proporciona a construção de uma narrativa de estrutura fragmentária que se relaciona com o modo como o protagonista percebe sua própria existência.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Textos escolhidos*. Tradução de José Lino de Grünwald, et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FACIOLI, Valentim. Um homem bruto da terra (Biografia intelectual). In: GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 23-106. (Coleção Escritores Brasileiro - Antologia e estudos).

MIRANDA, Wander Melo. A angústia do crime. In: JEHA, Julio; JUÁREZ, Laura; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Crime e transgressão na literatura e nas artes*. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Record, 1982.